

A LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS E A HISTÓRIA AMBIENTAL DO CERRADO

Sandro Dutra e Silva

Universidade Estadual de Goiás (UEG) / Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA)
Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
sandroduetr@hotmail.com

Em “As Regras da Arte”, um texto fundamental sobre o campo literário, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996) procurou estabelecer um modelo analítico sobre a literatura e as relações de poder no contexto da topografia social. Assim, com os seus pressupostos clássicos sobre *campus* e *habitus*, sobretudo a partir dos capitais vinculados ao campo literário, Bourdieu reforça o valor da inserção e circulação de um agente, seus capitais, e o trânsito em relação à adesão aos princípios norteadores do poder simbólico sobre aprovação, inclusão e distinção. Quem diz que uma obra literária é dotada de valor? Quem são os agentes que conseguem distinguir a qualidade artística de uma obra literária? Quais são os capitais culturais e artísticos que conferem a um agente o poder de transitar pelo campo da arte e ser reconhecido como um expoente e/ou emissário das representações simbólicas desse campo? Os estudos de Bourdieu nos auxiliam a compreender que o reconhecimento dos pares, e a capacidade de inserção e mobilidade no campo da arte estão vinculados a uma relação de poder. Poder do campo em determinar os capitais dos seus agentes; e poder dos agentes, por meio dos seus *habitus*, em auxiliar na construção de uma visão de mundo e das categorias fundantes desse mesmo campo. O debate sobre a relação entre indivíduo/sociedade e/ou estrutura/ator social tornaram a sociologia de Pierre Bourdieu fundamental para entendermos os diferentes diálogos entre o papel do agente e os diferentes campos de atuação.

Importante percebermos, nessa breve introdução, a meteórica recepção da literatura de Bernardo Élis por parte do campo literário, bem como o seu papel visceral e vanguardista em estabelecer nos *habitus* nesse campo. O reconhecimento dos seus pares, o trânsito e o diálogo com outros agentes do campo reforçam a rápida e essencial entrada de Bernardo Élis no restrito universo artístico nacional. Desde o início da sua carreira ele foi calorosamente

acolhido pelos seus pares, que reconheceram a sua habilidade com as palavras e a sua capacidade em duplicar a ilusão do real nas relações cotidianas do drama social no Brasil Central. Por exemplo, Mario de Andrade afirmou, em 1944, logo após o lançamento da obra “Ermos e gerais” (2005), que a literatura de Bernardo Élis reverberava a oralidade das paisagens goianas (Dutra e Silva, 2017; Marchezan, 2005). Esse é um registro fascinante sobre o reconhecimento do campo literário, por um de seus mais importantes representantes. E, evidentemente, o elogio e a afirmação distinta de Mario de Andrade devem ser considerados no contexto das próprias lutas simbólicas pela constituição e transformação do campo, considerando ser o autor modernista como um agente dotado de capitais valiosos e revolucionários, cujo impacto repercutiu na transformação na visão global das artes no Brasil a partir da década de 1920.

A referência a Bourdieu (1996) é fundamental para compreendermos o transito social do autor e sua obra e o reconhecimento dado pelos pares, e que é justamente esse reconhecimento que se expressa na distinção social. No entanto, além dessa categoria fundamental sobre as determinações da arte, uma obra literária também pode ser fundamental para outros campos, como o campo científico por exemplo. O valor das narrativas, das representações e as repercussões para além da lógica artística podem ser fundamentais para a compreensão de estruturas sociais e psicológicas de uma determinada temporalidade. A literatura pode ter uma função fundamental na desnaturalização de narrativas que são reveladoras de estruturas sociais camufladas. Essas narrativas podem funcionar como chave interpretativa de contextos históricos e sociológicos. Portanto, são narrativas mais profundas e reveladoras, e que vão além da superfície ficcional. E no caso específico de Bernardo Élis a sua força ficcional reflete a complexidade do mundo real, reforçando a universalidade das estruturas que dominam o drama social humano.

E nesse sentido é que destaco a relevância da literatura de Bernardo Élis para estudos de um campo relativamente novo como a história ambiental. Esse campo historiográfico surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, no contexto da crise ambiental que emergia naquela época, interessados na relação entre sociedade e natureza (Pádua, 2012). No Brasil podemos afirmar que essa tradição historiográfica já existia, sem essa denominação, desde o início do século XX, com destaque, por exemplo, para os trabalhos de Sergio Buarque de Holanda (1969) e Gilberto Freire (2013). Mas a partir da década de 1990 o campo da história ambiental se fortaleceu no Brasil, sobretudo com estudos relacionados ao desflorestamento da região da Mata Atlântica (Pádua, 2004; Drummond, 1997; Dean, 1996).

A tradição de pensar a sociedade brasileira a partir das grandes formações biogeográficas tem sido importante para pensarmos uma história ambiental a partir desse contexto. Nesse sentido é que o grupo de pesquisa sobre a História Ambiental dos Cerrados¹ tem buscado compreender o bioma, suas características, sua complexidade e os desafios temáticos e investigativos. E cumprindo uma orientação do historiador ambiental Donald Worster (1991), a história ambiental pode ser compreendida a partir de três dimensões analíticas, a saber: (i) os estudos focados na história da natureza em si; (ii) análises históricas das relações entre humanos e natureza; e (iii) estudos históricos que utilizam fontes relacionadas à representação da natureza. Com base nesse foco multidimensional é que consideramos o grande valor da literatura de Bernardo Élis para a construção de uma história ambiental do Cerrado. Isso porque as narrativas ficcionais de Bernardo Élis nos permitem compreender elementos importantes sobre a natureza em si (as paisagens e os elementos naturais do Cerrado) e sobre as relações sociais entre os humanos e mundo natural nos sertões, ou nas gerais do Brasil Central. Suas narrativas são fontes privilegiadas para compreendermos, os avanços humanos no território da fronteira, e os desafios com o ambiente hostil e os espaços naturais muitas vezes compreendidos como isolados e obscuros. Como apontado por Dutra e Silva et. al (2017, 98) a literatura de Bernardo Élis nos auxilia na compreensão dos domínios naturais do Cerrado na sua complexidade, na medida em que “integra à representação da paisagem, recurso literário intensamente utilizado em suas narrativas, elementos culturais e processos ambientais, valorizando a relação do homem com o meio na dinâmica de suas interações, harmônicas ou conflituosas”.

As narrativas sobre os domínios naturais do sertão nordestino, marcados pelas paisagens da Caatinga, dominaram as primeiras décadas do regionalismo romântico e realista brasileiro desde o final do século XIX. No entanto, segundo Barbosa (2008), a partir da obra “Ermos e gerais” (Élis, 2005), publicada em 1944, a literatura de Bernardo Élis figurou na vanguarda de um novo movimento artístico na ficção brasileira, descrita por ele como o “sertanismo goiano-mineiro”. Outros autores seguiram essa tradição, como Guimarães Rosa, que em 1946 publicou a obra Sagarana (Guimarães Rosa, 2001). Também se destacaram os escritores Mário Palmério, com Vila dos Confins (publicada em 1956) e também José J. Veiga, com o livro “Os cavalinhos de Platiplanto”, publicado em 1959.

¹ O grupo de pesquisa intitulado História Ambiental dos Cerrados está certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq) e coordenado pelo autor deste artigo. Também, o texto é parte de pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás (UEG) intitulada “O Cerrado na mitologia geográfica sedutora: fronteira e natureza na expansão territorial do Brasil Central (séculos XVIII-XIX)”.

E assim como Hugo de Carvalho Ramos (2006) – outro escritor goiano que inseriu as paisagens dos campos cerrados em suas narrativas –, Bernardo Élis apresentou aos seus leitores uma visão realista-naturalista do sertão de Goiás, cujos cenários foram dominados pelas fisionomias das distantes e isoladas gerais do Brasil Central. Esse cenário da natureza, muitas vezes descritas do dominante presença das formações campestres e arbustivas (campos limpos, campos gerais, campos sujos, campos cerrados, cerradões e capões), se apresenta em sua literatura como uma paisagem viva, dinâmica, dotada de personalidade, muitas vezes indiferentes às mazelas e dilemas dos dramas humanos.

Isso pode ser visto de forma muito dinâmica nos contos “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá” (Élis, 2005) e “A Enxada” (Élis, 1979). Nesses dois contos podemos perceber como paisagens distintas do contexto das zonas de matas ciliares – como as áreas afluentes do Corumbá no conto “Nhola”, ou a mata linear derrubada para o plantio do conto “A enxada” – tornam-se parte importante na descrição do drama universal da vida humana, e sua luta pela sobrevivência. Sejam os desafios das estruturas violentas de dominação, ou seja, pela dominante forma da natureza, a condição humana expõe fragilidades e desconfortos em meio à brutalidade existencial. E nesse contexto, os elementos naturais se tornam indiferentes ao sofrimento e a bestialização da vida humana. No caso do conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, a natureza se torna indiferente a todo sofrimento que a família havia passado na sua luta pela sobrevivência no sertão. E naquela noite fatídica em que a família é totalmente dizimada na enchente do Corumbá, o rio, a noite, a chuva e todos os elementos da natureza desdenhavam e ignoravam o drama social humano: “Era o rio que reclamava mais uma vítima” (Élis, 2005, p.10).

Também no conto “A enxada”, a brutalidade da vida hostil, que exige dos humanos um controle por meio de artefatos superorgânicos (Kroeber, 1993), para conquistar e dominar a natureza, traça o destino do camponês Piano. O drama social dessa personagem ressalta as formas de violência e dominação na fronteira em Goiás, mas também destacam a rusticidade em sua relação com o ambiente natural, bruto, seco, rígido e indiferente: “(...) Piano meio que se escondeu por trás de um toco de peroba-rosa que não queimou, mas o cano do fuzil campeou, cresceu, tampou toda a sua vida, ocultou o céu inteirinho, o mato longe, a mancha por trás do soldado, que era o sol querendo romper as nuvens” (Élis, 1979, p. 55). O trágico relato do assassinato do camponês contrasta com uma narrativa que faz uma alegoria do firmamento em um momento sublime, mas ao mesmo tempo indolente e impassível.

Conforme Dutra e Silva et. al. (2017, p. 108) a história ambiental se enriquece no seu diálogo com a literatura, na medida em que testemunha “a interação das sociedades humanas com a natureza, como também se comunica com o imaginário social, contexto em que o meio físico se afirma como matéria de um amplo universo de representações, mitos e símbolos”. E em especial, a literatura de Bernardo Élis abre possibilidades interpretativas pertinentes. Além de contribuir como produto cultural artístico, a literatura de Bernardo Élis apresenta uma narrativa que descreve o viver no Cerrado, com suas características físicas, seus elementos fisionômicos, sua fauna, sua flora, a sua sazonalidade climática (secas, veranicos, invernos, etc.) e outros elementos que compõem a ecologia desse bioma tão particular.

Mas ao mesmo tempo, abriga experiências correspondentes aos aspectos mentais, emocionais e simbólicos que definem o universo do humano em seu intercâmbio com a natureza. Os campos “gerais”, muitas vezes hostis, ermos e distantes, não podem ser descritos como apenas componentes da fisionomia paisagística do bioma. Os campos da Brasil Central não é apenas uma paisagem, um ecossistema no sentido stricto do termo. A natureza em Bernardo Élis, e todos os seus componentes naturais que vão caracterizar o Cerrado, são mais que cenários, pois estão saturados de simbolismo e reforçam os aspectos históricos e naturais da brutalidade humana na fronteira. Por isso a sua relevância nos estudos de história ambiental do Cerrado e a descrição dessa literatura como narrativa e fonte privilegiada de estudo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de A. *Nota da editora: romance de protesto*. In: Élis, Bernardo. O tronco. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p.XI-XV.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras. 1996
- DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1997
- DUTRA E SILVA, Sandro et al. O Cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan.-mar. 2017, p.93-110
- ÉLIS, Bernardo. *Ermos e gerais*. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

ÉLIS, Bernardo. *Veranico de janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

FREYRE, Gilberto. Nordeste. *Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem no nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 2013

GUIMARÃES ROSA, João. *Sagarana*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visões do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

KROEBER, Alfred L. “*O superorgânico*”. Em *A Natureza da Cultura*. Lisboa: Edições 70. 1993, pp. 39-79

MARCHEZAN, Luiz G. Apresentação. In: Élis, Bernardo. *Ermos e gerais*. São Paulo: Martins Fontes. p.IX-XXIV. 2005.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: Franco, José Luiz de Andrade et al. (Org.). *História ambiental: fronteira, recursos naturais e conservação da natureza*. Rio de Janeiro: Garamond. p.17-37. 2012.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e Boiadas*. Goiânia: ICBC, 2006.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 4 (8), 1991, pp. 198-215.

SOBRE O AUTOR

Sandro Dutra e Silva

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás/FECLITA (1996), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (2002) e Doutorado em História Social pela Universidade de Brasília (2008). Pós-doutorado em História pela Universidade de Brasília (2014) e pela University of California, Los Angeles (2016). Professor na Universidade Estadual de Goiás, atuando no Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado (Mestrado e Doutorado em Ciências Ambientais). Professor Titular no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA com atuação no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (Mestrado e Doutorado em Ciências Ambientais). Atuou como Visiting Researcher na University of California, Los Angeles (2015-2016). Desenvolve pesquisas no campo da História Ambiental, com destaque para os processos envolvendo história da agricultura, pecuária, colonização, migração e desflorestamento em Goiás. É editor da Revistas HALAC - Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña. Membro da Junta Diretiva da Sociedad Latinoamericana y Caribeña de Historia Ambiental – SOLCHA (2018-2020), da American Society for Environmental History- ASEH, e da Associação Nacional de História - ANPUH. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), Cadeira 49. Atualmente exerce a função de Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Ação Comunitária do Centro Universitário de Anápolis. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq 2.

Recebido para publicação em Outubro de 2020

Aprovado para publicação Novembro de 2020